

Resenhas

RICARDO ANTUNES

Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho, São Paulo, Ed. da Unicamp/Cortez, 1995, 155 pp.

Celso Frederico (Professor da USP e membro do Comitê Editorial de *Crítica Marxista*)

Já é tarde para anunciar a importância desse novo livro de Ricardo Antunes: poucos meses após o lançamento, duas edições esgotaram-se e, tudo indica, novas deverão sair. Fato surpreendente num momento de baixa no mercado editorial, talvez explicável pela presença constante do autor nos debates acadêmicos e sindicais, pela linguagem jornalística acessível ao grande público e, principalmente, pela atualidade do tema.

O livro compõe-se de um longo ensaio e de um apêndice contendo seis textos curtos sobre assuntos que gravitam em torno de um tema comum: as mudanças propiciadas pela revolução técnico-científica e seu impacto sobre a classe operária. Tais textos, embora não acrescentem muito ao núcleo do livro, ajudam o leitor a entender melhor o universo teórico em que o autor se move.

O ponto de partida é o livro de André Gorz *Adeus ao proletariado*, publicado em 1980, que propiciou um amplo debate com intervenções de Claus Offe, Benjamin Coriat, Alain Touraine, Jean Lojkine, Ferrus Murray, Adam Schaff, Ernest Mandel, István Mészáros, Robert Kurtz, Alain Bihl, Thomas Gounet, Frank Annunziato, David Harvey e Simon Clarke. São esses autores que fornecem os dados para descrever o impacto tecnológico no mundo do trabalho e as interpretações díspares filtradas pelo olhar crítico e exigente de Ricardo Antunes.

Com esse referencial bibliográfico, o livro faz um retrato das transformações em curso no mundo do trabalho, transformações balizadas pela passagem do fordismo aos novos processos produtivos. Caracterizando essa passagem, o autor enfoca as suas consequências sociais: a redução do proletariado industrial e sua fragmentação, a dessindicalização, a

flexibilização do mercado de trabalho etc.

Diante desse quadro, o debate vai gravitar em torno da centralidade ou não do trabalho no processo emancipatório. Polemizando com os diversos autores que na esteira de Gorz deram o seu "adeus" ao proletariado, Ricardo Antunes, seguindo Lukács e Mészáros, afirma a prioridade ontológica do trabalho para, então, poder concluir: "a revolução de nossos dias é (...] uma revolução no' e do trabalho. É uma revolução no trabalho na medida em que deve abolir o trabalho abstrato, o trabalho assalariado (...]. Mas é também uma revolução do trabalho, uma vez que encontra no amplo leque de indivíduos (homens e mulheres) que compreendem a classe trabalhadora o sujeito coletivo capaz de impulsionar ações dotadas de um sentido emancipador". Decorre dessa firme convicção a crítica à atitude defensiva dos sindicatos.

Adeus ao trabalho? propõe-se, modestamente, a ser apenas um ponto de partida para futuras pesquisas. Quem sabe, aprofundando o tema, o autor contemple um espaço ainda em aberto: a reflexão sobre os aspectos políticos da modernização tecnológica. A simples recusa à "integração" na ordem burguesa e o chamado ao confronto aberto entre trabalho e capital surgem no texto mais como uma reiteração de princípios gerais do que como decorrência necessária extraída da análise objetiva das possibilidades concretas inscritas no ser social, vale dizer, do desdobramento político inferido do estágio atual da correlação de forças. Se a classe operária encontra-se ainda perplexa com o ritmo frenético das transformações; se ela está enfraquecida pelo incessante aumento das taxas de desemprego e de

dessindicalização; se mesmo nos países desenvolvidos - com sindicatos consolidados e muito mais experientes que os nossos - a classe operária atua defensivamente, como exigir, no Brasil atual, uma estratégia ofensiva contra a ordem, "além do capital", como quer o autor?

Tal descompasso reflete-se, vez ou outra, em expressões vagas de cunho filosófico (e não político) que o autor utiliza para justificar a estratégia ofensiva: "desidentidade entre o indivíduo que trabalha e a sua dimensão de gênero humano", "o desenvolvimento da individualidade em direção à omnilateralidade humana", "busca de uma vida cheia de sentido", "luta pela constituição do gênero-para-si-mesmo" etc. O Lukács da Ontologia, citado no livro, observou, contrariamente, que "nas situações revolucionárias e mesmo já em seus processos preparatórios" as questões centrais "apresentam-se à grande

maioria dos homens como problemas que indicam o seu destino de vida, que, em contraposição à cotidianidade 'normal', assumem já no imediato a qualidade de uma pergunta formulada com clareza e que se deve responder claramente".

A ausência da política faz-se acompanhar também de uma inconfessável nostalgia do fordismo, quando a opressão era visível e a revolta facilitada pela concentração industrial. Nas novas condições, entretanto, a urgência da revolta operária é justificada pelo medo do "envolvimento" operário no processo produtivo. Mas envolvimento na produção é o mesmo que integração ideológica sem retorno no capitalismo ou, ao contrário, é um momento necessário para a futura autogestão?

São questões difíceis levantadas pela leitura desse livro ousado, oportuno e atual - mais uma intervenção do inquieto espírito militante de Ricardo Antunes.

ISABEL LOUREIRO

Rosa Luxemburgo - Os dilemas da ação revolucionária, São Paulo, Editora da Unesp, 1995.

Maria Orlanda Pinassi (Professora de Sociologia da Unesp, campus de Marília).

Na epígrafe original do seu romance *Pais e filhos* - epígrafe que, mais tarde, é descartada pelo autor-, Turgueniev tensiona a relação do velho aristocratismo russo e o insurgente radicalismo racionalista que invade a Rússia na segunda metade do século XIX, por meio do seguinte diálogo: "- O jovem ao homem de meia-idade: 'Você tinha conteúdo, mas não tinha força' - O homem de meia-idade ao jovem: 'Você tem força, mas não tem conteúdo' ". Algumas décadas depois, esse vai ser o drama de Rosa Luxemburgo; mesmo tom controverso, tensionado, que imprime à sua teoria da ação revolucionária: a consciência teórica, latente - o conteúdo - do proletariado alemão é contraposto (ou se complementa, por meio da revolução permanente) na

permanente) na "ação audaz", na consciência adquirida da experiência prática, da luta, na qual se concentra a força do proletariado russo.

Eis a centralidade dos dilemas de RL, descrita e narrada, analisada com imanência por Isabel M. Loureiro que nos presenteia com um texto verdadeiramente empolgante. Originalmente elaborado como tese de doutoramento, a relação imanente que a autora estabelece com a vida e a obra de RL permite-lhe ir muito além, ou melhor, que supere eventuais formalidades acadêmicas. Isso se traduz numa vigorosa e fecunda capacidade narrativa capaz de dar sentido histórico e atualismo ao debate, de pôr na ordem do dia os dilemas de RL, dilemas esses que não eram os dela, mas da natureza, do

FREDERICO, Celso. Resenha de: ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Ed. da Unicamp/Cortez, 1995, 155p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.156-157.

Palavras-chave: Centralidade do trabalho; Transformações do trabalho; André Gorz.